

A RELAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O ANIMAL DOMÉSTICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME MARLEY E EU

Helenara Sironi de Moraes¹
Magda Medianeira de Mello²

Resumo: O animal influencia de forma direta na construção subjetiva do homem. Seja através de mecanismos projetivos, ou sobre forma de condensação e deslocamento, é no lugar de objeto que o animal encontra-se atualmente em nossa cultura. Este trabalho teve por objetivo, investigar os vínculos oriundos da relação do sujeito contemporâneo e do animal doméstico, a partir de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, em que o filme Marley e Eu foi utilizado como estudo de caso. Através da análise de conteúdo, segundo método Bardin, foi possível concluir que embora a relação seja marcada por vínculos narcisistas, onde o animal serve de ponte para satisfação das pulsões, em outros casos ele também pode ser reconhecido como sujeito, participando de forma afetiva na vida do homem contemporâneo.

Palavras-chave: Sujeito. Homem. Contemporâneo. Animal. Relação.

Abstract: The animal directly influences on subjective construction of man. Whether through projective mechanisms, or on the form of condensation and displacement, animal is currently in the place of object, in our culture. This study aimed to investigate the links arising from the relationship of contemporary individual and domestic animal, from a qualitative research, the exploratory type, in which the film Marley & Me was used as a case study. Through the content analysis according to Bardin method, it was concluded that although the relationship is marked by narcissistic bonds, where the animal serves as a bridge to the satisfaction of the instincts, in other cases it may also be recognized as an individual, participating affectively in the life of contemporary man.

Keywords: Individual. Man. Contemporary. Animal. Relationship.

1 INTRODUÇÃO

A relação do homem com o animal irá depender do valor que determinada sociedade, cultura ou religião lhe atribuir. Ao observarmos a trajetória da evolução da espécie humana, a partir dos relatos históricos, é possível analisar o quanto esta relação é estreita e o quanto ela é influenciada por necessidades específicas da época vivida (DELARISSA, 2003).

À medida que a capacidade subjetiva dos seres humanos evoluiu, o olhar sobre os animais foi se diferenciando, e se antes serviam apenas para usufruto da espécie humana, hoje nos parece que ocupam um novo espaço nessas relações. Espaço este marcado pela proximidade e estabelecimento de vínculos afetivos entre essas duas espécies.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.

² Doutora pela Universidade Autônoma de Madrid. Professora do Curso de Psicologia na FSG. Endereço eletrônico: magda.mello@fsg.br.

Ao ser domesticado, o animal passa a interagir de forma diferente com o humano, sendo incorporado como membro da família. Se analisarmos a atual constituição dos lares, verificamos o aumento de famílias que adotam seres de outras espécies, como gatos, cachorros, entre outros (DELARISSA, 2003). Tal comportamento implica uma responsabilidade maior do ser humano com relação aos animais, que agora dependente do homem, precisam de cuidados fisiológicos e afetivos. O cão, que antes vivia como seus antepassados lobos, em matilhas, perde a sua liberdade para o homem em um processo de total dependência de seus cuidados (FARACO, 2008).

Embora essa relação tenha evoluído, ainda é marcada por uma hierarquia antropocêntrica, que acredita que os objetivos dos seres humanos sobrepõem-se às demais espécies da terra. A herança do pensamento aristotélico confere ao homem uma superioridade intelectual, que lhe assegura o direito à dominação de espécies animais e das plantas. O pensamento cristão, pragmatizado na Bíblia, afirma que o homem foi feito a semelhança de Deus, e que o criador legitimou ao homem domínio sobre todas as criaturas da terra, lhe assegurando um lugar especial entre as outras espécies (SINGER, 2004). Vínculos que surgem a partir dessa relação narcísica, de dominação e não reconhecimento do outro, como legítimo outro, podem impedir que a relação seja satisfatória para ambos os indivíduos envolvidos (FARACO, 2008).

Surge com a contemporaneidade uma necessidade de perceber o homem de forma holística, integral e ampla em sua relação maior com o mundo e, em consequência, com as outras espécies animais. Sobre isso, Zimerman (2010) contribui, afirmando que na atualidade há uma tendência de perceber o ser humano de forma totalista, desta forma o que importa é a maneira como as partes se combinam e constituem o todo. Assim como a compreensão do humano precisa ser feita em sua totalidade, é na relação com outras partes, com o outro, que o ser humano vai se constituir.

Dentre todas as épocas, talvez seja na atual, devido às características do sujeito contemporâneo, que observamos uma proximidade significativa entre homem e animal. O individualismo, a tendência à exclusão de comportamentos considerados sujos ou que fujam a ordem, bem como a emergência da satisfação nas relações (que pode levar a frustração), podem ser facilitadores da busca do sujeito contemporâneo pela companhia do animal doméstico.

Muitas são as possibilidades de estudo sobre essa relação, sendo necessário incorporar nas pesquisas sociais, estudos científicos que aproximem o animal da academia, uma vez que há muito tempo ele está próximo na vida do homem.

Com o intuito de realizar esta aproximação, o objetivo deste estudo foi investigar os vínculos estabelecidos entre o sujeito contemporâneo e o animal doméstico, utilizando como referencial alguns conceitos centrais da psicanálise.

A importância deste estudo concentra-se no seu fator inédito, considerando a carência de pesquisas científicas na área. Uma vez que o Brasil é o segundo maior consumidor de produtos para animais de estimação, perdendo apenas para os Estados Unidos, o que sinaliza um investimento não só econômico, mas pulsional do homem sobre o animal, torna-se de suma relevância o olhar da psicologia sobre esta relação.

Como metodologia, utilizou-se a análise de conteúdo, baseada em anotações feitas a partir do filme *Marley e Eu*. Com estes registros, pôde-se fazer uma leitura e identificar unidades de sentido que deram origem a três categorias analíticas. Estas categorias pretendem dar conta da problemática, no presente estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sujeito Contemporâneo

A chegada da modernidade é marcada pelo desencantamento com o mundo, a descrença nos deuses e a racionalização (WEBER *apud* BIRMAN 2009). A partir destes processos, uma nova forma de estar no mundo originou-se, e pode ser definida por uma posição privilegiada do homem na sociedade. Souza (2005), acredita que a pós-modernidade esteja marcada por um rompimento da ordem e da tradição.

A ausência de um Deus, pai de todos, pode contribuir para a sensação de solidão, prevalecendo o cada um por si, e não mais o Deus por todos. Birman (2009, p.25) afirma que “o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como objeto para seu usufruto. Parece haver uma dificuldade em admirar o outro na sua diferença, sendo assim, quando este outro não mais servir, pode ser eliminado, assim como qualquer bem de consumo”. No passado, o homem atribuiu aos deuses diversas características humanas ideais, sendo que atualmente ele se aproximou deste ideal, quase se tornando um Deus (FREUD, 1929).

Esta aproximação trouxe consigo um cuidado excessivo com o Eu e a busca pela perfeição. Birman (2009) refere-se à esterilização do Eu como um processo, no qual o sujeito vale por aquilo que parece ser. A imagem passa a ser constantemente trabalhada na academia, nos consultórios médicos, no consumo de moda e desta forma, apresenta-se ao mundo um sujeito maquiado e com a garantia de pertencimento na cena social.

A preocupação excessiva com a imagem traz consigo a busca pela ordem e limpeza. Podemos observar uma ampla divulgação dos padrões estéticos pela mídia, tentativas de remoção de tudo aquilo que é feio das ruas das cidades, e a busca pela perfeição.

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão não são poupadas (FREUD, 1929, p.100).

Não há espaço para sujeira, assim como não há espaço para dúvida. Freud (1929, p.99) contribui afirmando que “a sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização”. Da mesma forma, estendemos nossa exigência de limpeza ao corpo humano. Segundo Bauman (1998), a preocupação com a pureza é característica universal do ser humano. Os modelos de pureza e os padrões podem mudar de acordo com a época e cultura, porém estão sempre presentes na sociedade.

Sobre a questão da fluidez na cultura contemporânea, Bauman (2007), acredita que, prevalecem atualmente relações que mudam de forma bastante rápida, em um tempo mais curto do que o necessário para consolidar hábitos, rotinas e maneiras de agir. Além disso, há uma incerteza nas relações, uma precariedade. Este novo tempo está marcado por uma série de inícios e poucos fins.

Na tentativa dos sujeitos de se singularizarem perante os demais, observa-se o aumento do consumo de roupas, cosméticos, eletrônicos, carros e casas, com a intenção de que o material possa marcar a diferença estruturante das relações. Nesta busca pela diferença, surge um mercado potencial, onde há muito espaço para o efêmero e que favorece o envelhecimento rápido dos materiais e a obsolescência das relações.

Há uma falta nos interesses sociais, já que à ordem atual é ditada pela tendência ao individualismo, quando o sujeito passa a considerar seus interesses antes dos interesses da

sociedade. Esta característica narcísica da sociedade favorece os relacionamentos entre iguais, se busca no outro, a imagem e semelhança. Tendência esta que fica evidenciada na constante formação de grupos unidos por semelhanças e constituídos por pessoas com gostos ou condições parecidas.

Para Souza (2005, p.83) “as diferenças tornam-se cada vez mais insuportáveis”. Tal comportamento narcisista pode favorecer aspectos de violência, quando o eu não suporta o que se atravessa entre ele e seu desejo, adotando uma postura agressiva em relação ao outro.

Partindo como pressuposto desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis. Nas condições atuais, a alteridade tende ao apagamento e quase ao silêncio na economia do sujeito. Nesse contexto, o autocentramento, aliado à inexistência de história e ao desaparecimento da alteridade como valor, foi considerado por Lash como traço fundamental da cultura do narcisismo (BIRMAN, 2009, p.166).

Ao analisarmos a passividade com que o sujeito contemporâneo reage à violência, a corrupção, a fome e a miséria de seu semelhante, evidencia-se a tendência ao individualismo. As relações tornam-se marcadas pela ausência de afetos, e este estado apático serve como forma de autoproteção e conservação (SOUZA, 2005).

A regra social esta pautada na obrigação da satisfação do desejo, mas o desejo nunca é satisfeito, levando a uma eterna busca. Pessoas e objetos são facilmente descartáveis, tudo pode ser substituído e compromissos são assumidos, até que a satisfação de uma das partes diminua, sendo os relacionamentos marcados pelas vantagens e possibilidades oferecidas pela relação.

Para Bauman (2008, p.201), “os laços e parcerias são vistos, em outras palavras, como coisas a serem consumidas, não produzidas”. As relações não mais são vistas como espaços para trocas e possíveis sacrifícios, e sim avaliadas como a qualquer objeto de consumo, considerando o quanto de satisfação e felicidade imediata pode-se obter deste vínculo.

O progresso tecnológico, que veio com a promessa de facilitar a vida dos sujeitos, acabou por preencher nossos dias com mais compromissos, pois quanto mais tempo sobra, maior é a obrigação de preenchê-lo com atividades. Sendo assim, não há espaço para

questionamentos, e aquele que se coloca em dúvida perde-se em meio a sociedade. Freud (1929), afirma que embora haja um desconforto na atualidade, não é possível avaliar se os homens de épocas anteriores a nossa foram mais felizes.

Quais as possibilidades de relação, vínculos e afetos de uma sociedade marcada pela “anestesia afetiva que neutraliza o ego”? (SOUZA, 2005, p.135).

2.2 O homem no animal

Sobre a relação do homem com o animal, é necessário compreender as formas com que este laço foi estabelecido ao longo da história. Há ao menos três formas de relação que merecem ser analisadas: a apropriação do animal pelo homem, a familiarização do homem com o animal e a utilização do animal pelo homem (LESTEL *in* MACIEL, 2011). Esta forma utilitária de compreender o animal o dissocia de suas características próprias, o que lhe torna mero objeto na cultura. Porém, se pensarmos no papel do animal na família contemporânea, é possível observar que ele está para além do objeto, com um lugar marcado, reconhecido, espelhado e presente.

Quando pensamos na domesticação do animal, além do animal como serventia para algo, percebemos que o homem também se domesticou para o animal, pois ambos, nesta troca relacional, transferiram características de espécie para espécie, o que tornou possível a convivência nesta comunidade mista.

Para além do espaço físico: “O animal não habita apenas as casas, os quintais ou os campos do homem; ele povoa também seu espírito e sua imaginação, seus medos e suas crenças.” (LESTEL *in* MACIEL, 2011, p.40). O animal faz-se presente na literatura, na arte, nas fábulas e mitologias. Sua animalidade é constantemente usada para explicar as características humanas: Astuto igual uma raposa, rouba que nem rato, a liberdade de um passarinho. Ele, o animal, ocupa um lugar para além da nutrição, da utilidade e da função: Ele está na cultura, ele faz presença.

Em contrapartida, há uma norma primeira para classificação de homem: A negação de sua parte animal, ou de seu estado natural, para que assim se torne humano, constituindo assim a humanidade.

Sobre o rompimento do homem com o animal, MACIEL (2011, p.86):

“... teve seu ponto crucial na era moderna, mais especificamente a partir do século XVIII, com o triunfo do pensamento cartesiano. Visto como máquina, um mero corpo automatizado e sem alma, o animal passou então a ser esquadrihado a partir de critérios taxanômicos bem definidos, como os de Lineu, sob o influxo das ciências da observação e experimentação, que precederam o surgimento de zoológicos na Europa. O que não significa que, nos séculos anteriores, não tenha havido uma recusa da animalidade. Basta uma menção, por exemplo, à demonização por que esta passou sob o peso do cristianismo, ao longo da Idade Média, quando a parte animal que constitui a existência humana, foi instituída como lugar de todos os perigos.”

A parte mal do homem, adormecida pelas normas sociais, era comparada a sua parte animal, onde toda sua bestialidade e perigos encontravam-se ali depositados. Se, para tornar-se homem, o sujeito precisa abandonar seu estado natural e animal, logo, para suportar isso, se supõem que a aproximação com a espécie animal é uma forma de manter-se próximo ao seu estado natural, renegado e adaptado à cultura. Na animalidade do animal o homem se reconhece, e como uma tentativa de negar esta parte que não o constitui homem, ele projeta no animal as suas características.

A projeção refere-se a um mecanismo de defesa bastante utilizado, que consiste em localizar no outro, aquilo que o sujeito recusa em si. Este outro pode ser uma pessoa ou coisa em que o indivíduo irá depositar sentimentos e desejos que ele desconhece ou recusa em si (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). Para Freud (1925), aquilo que é projetado é a parte odiada pelo sujeito, seu lado mau. Aquilo que o sujeito coloca para fora de si, é encontrado no mundo exterior, neste caso, no animal. Refere-se a uma pulsão que o sujeito localiza em outra pessoa, e que não pode aceitar como sendo sua (CHEMAMA, 1995).

Jean de La Fontaine (1621-1625), poeta e fabulista francês, ao escrever, identificava nos animais de suas fábulas, características tipicamente humanas para falar sobre aspectos morais de sua época.

Nós devemos dizer a elas (crianças) o que são um leão, uma raposa e assim por diante; e por que às vezes comparamos um homem a essa raposa ou a esse leão. Isso é o que as fábulas pretendem fazer; as primeiras noções sobre esses assuntos provêm das fábulas (LA FONTAINE *apud* DESBLACHE *in* MACIEL, 2011, p.301).

Sobre esta forma de escrita, onde é projetado na outra espécie características antropomórficas, pode-se pensar na identificação enquanto mecanismo que possibilita “assimilar um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo deste outro.” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p.226).

A fuça do animal é para o homem uma forma de espelho no qual ele se reconhece. O desconhecimento que o homem tem sobre si, desde o momento em que nasce até a sua morte, provoca um refletir sobre si, no outro. Sobre esta transformação no sujeito, a partir da imagem de um outro, Chemama (1995, p.58) compartilha:

Porém, se a fase do espelho é a aventura original, por onde o homem faz, pela primeira vez, a experiência de que é homem, é também na imagem do outro (o outro espelho) que se reconhece. E enquanto outro que se vê pela primeira vez, e que se sente.

O homem subdividiu a espécie animal em três grandes grupos: Animais de estimação, que como o próprio nome diz devem ser estimados, cuidados e amados; animais selvagens, que são protegidos e respeitados e animais de abate, usados na indústria da alimentação, sendo que esta classificação ocorreu conforme o interesse do homem na utilidade do animal.

A proximidade do cão com o sujeito da cultura ocidental permite que a questão seja pensada a partir da projeção e da identificação, já citadas acima, fazendo com que eles tenham um lugar favorecido em relação às outras espécies, bem como os gatos. Dentre os animais selvagens, os golfinhos, as baleias, os chimpanzés e elefantes, despertam um apreço especial por parte dos humanos, interesse este que é justificado por critérios cognitivos, já que estes animais são conhecidos por sua inteligência (LESTEL *in* MACIEL, 2011). Quando atribuímos algumas qualidades a um determinado grupo de animais, estamos a partir de nossa percepção de mundo, lhes atribuindo uma valoração baseada em nossos interesses.

O saber que os homens julgam possuir se aloja, assim, nos limites do conhecimento racional, no enquadramento específico de uma percepção instituída, servindo, inclusive, para justificar os processos de marginalização e coisificação desses outros (LESTEL *in* MACIEL, 2011, p.89).

Alguns filósofos fazem uma crítica ao uso da palavra sujeito, por esse ser limitado ao homem. Acreditam que este conceito construído historicamente, contribui para exclusão dos direitos de todos aqueles “não sujeitos”, os animais. Desta forma, os animais ficam renegados a condição de outros de nossa cultura, sendo-lhes negados os questionamentos legais e morais (MACIEL, 2011).

Negar ao animal a condição de sujeito, é ao mesmo tempo, colocá-lo em uma posição de objeto. O não reconhecimento do outro como legítimo outro, o impede de realizar-se como ser vivo. Uma relação baseada no controle faz com que o indivíduo fique cego para as necessidades reais das outras espécies, ocorrendo o processo de antropomorfização, em que o animal passa a adquirir características humanas, pois ele só desperta interesse ao homem na medida em que adquire as características humanas.

Para Chemama (1995, p.150), o objeto é aquilo que “orienta a existência do ser humano, enquanto sujeito desejante.” Ele não está ligado à pulsão, pois a pulsão se desloca de um objeto a outro durante seu destino. A criança, a partir dos primeiros vínculos na infância, poderá fazer a sua escolha de objeto de duas formas: Anaclítica ou narcisista. A forma anaclítica refere-se à escolha de objeto sexual da criança, endereçada as pessoas que são encarregadas de sua alimentação, cuidados e proteção, enquanto na forma narcísica, ela mesma torna-se seu objeto de amor (GARCIA-ROZA, 1995).

Neste trabalho, optamos por considerar que as relações dos sujeitos são permeadas por elementos narcísicos, e pensar de que forma endereçamos estas demandas ao outro, o animal. Para compreender esta ligação, vejamos algumas considerações sobre o narcisismo.

No ano de 1910, Freud introduz o termo narcisismo pela primeira vez, ao referir-se sobre a escolha de objeto nos homossexuais (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). Porém, de forma bastante confusa o tema continua sendo abordado, até que em 1914 ele se preocupa em organizar e dar um lugar digno ao conceito, indicando que o narcisismo seria uma forma de investimento pulsional necessária à vida dos sujeitos.

Sobre o conceito em Freud, Chemama e Vandermersch (1995, p.255), contribuem:

O narcisismo representa, ao mesmo tempo, uma etapa do desenvolvimento subjetivo e um resultado deste. A evolução da criança deve levá-la não apenas a descobrir seu corpo, mas também, e sobretudo, a se apropriar dele, a descobri-lo como seu próprio. Isso quer dizer que suas pulsões, e, em particular, suas pulsões sexuais, tomam seu corpo por objeto. A partir deste

momento, há um investimento permanente do sujeito em si mesmo, que contribui notavelmente para sua dinâmica e participa das pulsões do eu e das pulsões de vida.

As palavras acima, dizem de um primeiro momento do narcisismo chamado de narcisismo primário, em que o eu volta-se para si, e procura satisfação em seu próprio corpo. Nesta fase, prevalece o eu ideal, “que mais tarde irá permanecer transformado e acrescentado no indivíduo adulto.” (GARCIA-ROZA, 1995, p.56).

Além deste primeiro narcisismo, que está relacionado à imagem corporal, existe o narcisismo secundário, que se refere à relação do sujeito com o outro. Neste segundo caso, prevalece o ideal do eu, constituído basicamente por exigências externas ao sujeito, por normas transmitidas por seus pais e exigências culturais. É neste momento que o simbólico prevalece sobre o imaginário, pois há uma entrada na lei dos homens através da linguagem. Para Garcia-Roza (1995, p.70): “O eu enquanto complexo de representações é furado. Daí a função do ideal do eu, que vem a regular a relação do eu furado com a imagem também furada do outro, tornando possível a passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário.”

Observa-se no contexto atual uma nova forma de narcisismo, o neonarcisismo, onde há uma preocupação excessiva com os padrões de beleza e ordem (FUKS, 2008). Tal comportamento remete a busca pela perfeição, incluindo a perfeição afetiva, onde só há espaço para relacionamentos complementares, que agregam e não para perdas e esforços. Desta forma, a palavra perde espaço e o ato prevalece. A imagem e a aparência ganham espaço, em detrimento do pensamento, das emoções e das palavras (FUKS, 2008).

A filosofia atual é a do ter, não do ser, ocorrendo um movimento dos sujeitos de voltarem-se para suas necessidades, deixando de lado projetos coletivos. Observam-se núcleos familiares cada vez mais reduzidos, atividades de lazer e profissionais voltadas para um só indivíduo. Fuks (2008, p.39), contribui que: “Vive-se uma vida marcada pelo isolamento, a solidão, o deslocamento crônico, o embotamento e o tédio.”

Nesta nova configuração vincular, os relacionamentos interpessoais são pouco valorizados, abrindo espaço para a relação com o animal, que assim como um objeto, não demanda do outro, investimentos e esforços, sendo facilmente descartado: “Percebemos que muitas vezes os animais são utilizados como uma alternativa para se esquivar dos contatos humanos, tidos como traumáticos e angustiantes.” (DELARISSA, 2003, p. 50).

A tendência narcísica ao desinvestimento do outro, leva a um sentimento de vazio, de isolamento e solidão. Esta falta de sentido conduz os sujeitos a satisfações imediatas como sexo e o consumo (FUKS, 2008). Neste contexto, podemos pensar no animal de estimação que, além de ser consumido de forma literal, ao ser transformado em comida, também se torna objeto de consumo, podendo até ser parcelado no cartão de crédito. Este por sua vez, pode significar um status social, devido a sua garantia de pureza, o pedigree.

3 METODOLOGIA

Para que uma pesquisa seja realizada com êxito, faz-se necessário um delineamento metodológico que oriente o estudo. Desta forma, o presente artigo foi resultado de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória.

Para Flick (2004), a pesquisa qualitativa se torna relevante para o estudo das relações humanas, devido aos novos arranjos sociais, caracterizados pela individualização e acessos facilitados a subculturas e formas de vida diversificadas.

Sobre a questão da subjetividade na pesquisa qualitativa, SILVA (2001, p.20) complementa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo subjetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seus significados são o foco principal da abordagem.

Além disso, seu caráter foi do tipo exploratório e, segundo Gil (2007), tal classificação refere-se a pesquisas que têm por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando construir hipóteses. Seu planejamento é flexível, possibilitando considerar diferentes aspectos do objeto estudado.

Pesquisar de forma qualitativa, sob uma análise sociológica, significa considerar o significado com um conceito central do estudo (MINAYO, 2004). Desta forma, são os aspectos subjetivos que poderão proporcionar um entendimento do grupo pesquisado.

A fenomenologia, defende a idéia de que as realidades sociais são construídas nos significados e através deles, e só podem ser identificadas na medida em que se mergulha na linguagem significativa da interação social. A linguagem, as práticas e as coisas, são inseparáveis na abordagem fenomenológica (MINAYO, 2004, p.34).

3.1 Coleta de Dados

O pior cão do mundo. É com esta frase que a família do cão Marley o define durante todo o filme. A história escrita no ano de 2006, pelo jornalista John Grogan e adaptada aos cinemas no ano de 2008, relata a vida de um jovem casal John (John Wilson) e Jenny (Jennifer Aniston), que iniciam sua vida conjugal na calorosa e animada Flórida, nos Estados Unidos. Como um ensaio para a paternidade/maternidade, o casal decide comprar um cão, e é a partir deste momento que as histórias das duas espécies se encontram e a vida dos Grogan passa a ser compartilhada com o cão Marley.

O filme desenrola-se com as travessuras do cachorro como pano de fundo. Marley acompanha os dramas do dia a dia da família Grogan, em especial de John, um jornalista que se sente frustrado com seu trabalho. John encontra em Marley a inspiração para escrever uma coluna diária em um jornal e em tom de narrativa, as travessuras do cão se misturam com a rotina dos Grogan. Em meio a uma comédia leve e divertida, o filme é capaz de sensibilizar o telespectador ao mostrar os vínculos afetivos que se formaram entre a família e o cão, tornando a despedida do animal, durante uma doença na velhice, um momento de muita comoção.

Cabe salientar que o filme bateu recordes de bilheteria nos Estados Unidos, ao ser lançado no dia do Natal, arrecadando em sua estréia cerca de 335 milhões de reais, e que as pessoas demonstravam grande comoção ao sair dos cinemas.

3.2 Técnica De Coleta de Dados

Para que este trabalho fosse construído, utilizou-se como coleta de dados, um estudo de caso à luz do filme Marley e Eu. Porém, a revisão bibliográfica também se fez presente a fim de levantar hipóteses a respeito do conteúdo emergente do estudo em questão.

³FONTE:<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,marley-e-eu-lidera-bilheterias-dos-eua-durante-natal,300196> EM 30/10/2014.

A relação homem-animal, embora sempre presente no imaginário social, refere-se a um tema novo nas pesquisas acadêmicas, e por se tratar de algo novo, necessita de uma metodologia flexível. O estudo de caso possibilitou a flexibilidade da construção de hipóteses, sem a obrigatoriedade de conclusões (GIL, 2007). Por se tratar de um estudo aprofundado de um objeto, esta modalidade de pesquisa permitiu que as indagações sobre a relação do sujeito contemporâneo com o animal doméstico, fossem realizadas de forma ampla e detalhada, nas suas diversas nuances, buscando como aporte teórico a teoria psicanalítica.

3.2.1 Técnica de análise dos resultados

Para análise e interpretação dos dados coletados será utilizada a técnica de análise de conteúdo, pois esta técnica busca desvendar além dos significados, os significantes que surgem em entrevistas, jornais, depoimentos e filmes, entre outros.

Ainda sobre a análise de conteúdo, BARDIN (2011, p.36) discorre:

“A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao

domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento [...].”

Para que o desenvolvimento da análise seja possível, seu trabalho é dividido em três fases que se inter-relacionam. São elas: Pré-análise, codificação e interpretação. A pré-análise “corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo sistematizar e tornar operacionais as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (Bardin, 1977, p. 95). No momento da codificação evidenciam-se indicadores de caráter qualitativo que façam sentido, agrupando e recortando unidades de significado das anotações realizadas durante a observação do filme e por último, na interpretação, relacionam-se os dados coletados com a fundamentação teórica já exposta *a priori*, criando, a partir da vivência, significados expressos no embasamento teórico (BARDIN, 1977).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Com este estudo, buscou-se investigar à luz de alguns conceitos psicanalíticos, os vínculos estabelecidos entre o sujeito contemporâneo e o animal doméstico.

Abaixo segue a análise do conteúdo. O filme serviu como ilustração para que esta pesquisa pudesse contribuir teoricamente com o assunto, considerando a carência de estudos científicos nesta área.

4.1 Apresentação das categorias analíticas

UNIDADE DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS ANALÍTICAS
<p>“Bob é um nome bom, ou Robert, pois quando ficar mais velho, é mais nobre.”</p> <p>Marley está no quarto enquanto o casal namora. John se sente incomodado e Jenny diz para deixar pra lá, pois o cachorro nem sabe o que está acontecendo. John diz: “ Ele sabe sim, e está ressentido comigo.” (O cão fora levado para castração).</p>	<p>PROJEÇÃO</p>

<p>“40 anos vai ser dureza amigão, não vou mentir para você. Como você se sente não estando mais no auge? Você fez tudo o que queria fazer? Nem eu.”</p> <p>“O que torna você o melhor cão do mundo é que você nos amava de todas as maneiras possíveis”.</p>	
<p>“Se você tiver um filho será pai, mas se você tiver um cachorro será o mestre, e ainda será homem.”</p> <p>Marley: O cão de liquidação.</p> <p>“Todo mundo se livra dos cachorros, ele é só um cachorro.”</p> <p>Decidir sobre a morte do animal: A eutanásia.</p>	<p>ANIMAL COMO OBJETO</p>
<p>Cena em que Sebastian utiliza Marley para aproxima-se de algumas garotas.</p> <p>Cena de Jenny abraçando Marley ao saber que perdeu seu bebê.</p> <p>Cena em que no lixo, se misturam caixas de coisas de crianças e sacos de ração de cachorro.</p> <p>Marley vai até o ônibus receber as crianças na chegada da escola. “Ele está lá? Ele sempre está lá” dizem os filhos dos Grogan.</p> <p>O toque sempre presente entre a família e o animal.</p> <p>Cena do enterro, onde as crianças entregam cartas para Marley em seu túmulo.</p> <p>Jenny presenteia Marley com sua corrente durante o “funeral”: “Seu pai me deu (a corrente) para comemorar o início de nossa família, mas sabem, nossa família já havia começado.”</p>	<p>CONDENSAÇÃO E DESLOCAMENTO</p>

4.2 Interpretação das Categorias

4.2.1 Projeção

Freud (1911), ao escrever sobre um caso de paranoia, destacou a função da projeção na formação dos sintomas paranoides, conforme descrito no caso Schreber. Porém, ao longo de sua obra, ele identifica a projeção como mecanismo de defesa, relacionado a outras estruturas psíquicas, não só à psicose. Rapaport *apud* Sandler (1989) descreve-a como sendo “uma estruturação do mundo em termos subjetivos, de acordo com um princípio organizador, inerente a personalidade individual, que busca diminuir o estresse interno.” Dito de outra forma, é um meio pela qual o psiquismo se defende do que considera doloroso, proveniente de um objeto externo, e que invade o sujeito.

Para compreender a relação do sujeito com os objetos externos, é necessário pensar na introjeção como processo relacionado à projeção. Sandler (1989) afirma que a introjeção é a combinação de derivados do mundo interno e externo, que são assimilados ao mundo interior. Aquilo que é interiorizado é uma mistura de qualidades reais do objeto com qualidades fantasiosas a ele atribuídas, provindas do mundo interior dos indivíduos. Esta atribuição de características representa a projeção. À medida que projetamos sentimentos destrutivos a um objeto, ele se torna mau e ameaçador, mas do contrário, se a ele forem atribuídas características positivas, este objeto será introjetado de forma afetuosa.

Porém, a forma como a introjeção acontecerá, poderá ser atenuada a partir da resposta do objeto. “Um objeto bom e afetuoso pode absorver quantidades significativas de afeto projetivo agressivo e, em certo sentido, neutralizá-lo, de maneira que o introjeto se modifica na direção da ambivalência.” (SANDLER, 1989, p. 41). Talvez esta seja a maior característica dos cachorros, ser continente aos afetos agressivos dos seres humanos, neutralizá-los e potencializá-los de forma a tornar o humano mais tolerante.

Melanie Klein instaurou o termo identificação projetiva para definir a ação de colocar para dentro de outro, aquilo que o sujeito tem dentro de si. Ao falar sobre o que torna Marley o melhor cão do mundo, John diz algo sobre si, e que projetou em Marley, afinal ainda não é possível ao humano identificar sentimentos provenientes dos animais, apenas deduzir ou atribuir através da identificação projetiva.

Através da projeção de si mesmo ou de parte dos próprios impulsos e sentimentos para dentro de outra pessoa, ocorre uma identificação com esta, embora diferente da identificação advinda da introjeção. Pois, se um objeto é tomado para dentro do self (introjetado), a ênfase recai sobre a aquisição de algumas das características desse objeto e em ser influenciado por elas. Por outro lado, quando se coloca parte de si mesmo dentro de outra pessoa (projetar), a identificação se baseia na atribuição a essa outra pessoa de algumas das nossas próprias qualidades. Somos inclinados a atribuir a outras pessoas e em certo sentido colocar dentro delas, algumas de nossas próprias emoções e pensamentos, e é obvio que a natureza amistosa ou hostil desta projeção dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estejamos (KLEIN *apud* CINTRA e FIGUEIREDO, 2004, p. 157).

Ainda sobre a identificação projetiva, Cintra e Figueiredo (2004) acreditam a partir do pensamento de Melanie Klein, que ela seria um primeiro modelo para uma relação de objeto do tipo narcisista, em que há “uma profunda indiferenciação entre eu-outro” (p.105)

Chemama (1995), ao explicar o conceito da projeção como uma operação na qual o sujeito situa no mundo exterior seus desejos, afetos e pensamentos, mas sem identificá-los como sendo seus, instiga-nos a pensar sobre o que realmente sabemos dos animais, uma vez que assim como no filme, há uma tendência de atribuímos a eles sentimentos que dizem mais sobre nós, do que propriamente deles. Embora dotados de capacidade de comunicação, a ausência da palavra parece ser um fator significativo para que não se reconheçam como legítimas, as vontades do animal, ficando este, escravo do gozo do homem.

Ao relacionarmos algumas falas direcionadas a Marley durante o filme, a partir da teoria da projeção, fica evidente o quanto o animal pode potencializar a projeção daquilo que reconhecemos em nós, mas que nos é doloroso. Duas cenas do filme merecem atenção especial, pois se referem à ameaça de castração.

Ao reconhecer-se envelhecendo (a proximidade da morte representada como a maior de todas as castrações), e frustrado por não ter feito da vida o que imaginava, John projeta em Marley a sua velhice e frustração, ao lhe questionar “Você fez tudo o que queria? Eu também não.” Há outra cena, em que o casal namora e John se sente incomodado de transar em frente ao cão, já que naquele dia havia levado Marley para castração e acreditava que o cão poderia estar ressentido.

Quantas pessoas, objetos e afetos um cão pode carregar e que ao ser tocado em sua pelagem, potencializa no homem os mais diversos tipos de emoções? Um animal, que no início da relação proveu o homem fisicamente, e hoje o alimenta também de forma simbólica.

4.2.2 Animal como Objeto

Os animais foram o primeiro círculo relacional do ser humano com o mundo ao seu redor. Inicialmente, servindo de alimentação e proteção, esta relação modificou-se para um estado subjetivo, onde os animais passam de provedores de carne a provedores de significados, alimentando de forma metafórica a humanidade. Deleuze e Guatarri *apud* Dayrell (2012) apontam para a função do animal a partir de uma leitura psicanalítica, em que este é apontado como espelho em que nos reconhecemos, ou percebemos nossos pais, mães, irmãos e afetos.

Embora também animais, tendemos a considerar os animais não humanos como uma forma de atingir a um fim, seja alimentação, vestuário ou para conforto humano (JEHA *in* MACIEL, 2011). Atribuímos-lhes características humanas a fim de controlá-los, como se somente fosse possível entender a outra espécie sobre um olhar próximo daquilo que é humano, e não em seu estado natural. Transformar a outra espécie em coisa, objeto de sobrevivência física e subjetiva, implica em não reconhecê-la como sujeito, obrigando-a a viver em condições artificiais, como um cachorro que pode ser condicionado a usar roupas, adereços e realizar atividades que não fazem parte de sua natureza.

Esta visão antropocêntrica do universo, advinda dos interesses do homem sobre o animal, pode ser configurada como uma relação narcisista, em que somente as necessidades de uma espécie são consideradas, atribuindo ao animal a ausência da capacidade de sofrer, baseada na ausência da capacidade do homem de reconhecer este sofrimento.

Apesar de lidar com alguns animais como se fossem humanos, isso não significa que este tratamento seja digno ou respeitoso. Ao não considerar o estado natural de um animal, no caso o animal doméstico, há uma tendência em objetivá-lo, pois devido à ausência da palavra, é como se ali o homem encontrasse um depositário fiel de todos os lugares, coisas, pessoas, afetos e frustrações, onde tudo é aceito, já que nada é verbalizado.

Conforme já mencionado sobre as projeções, em que o animal pode servir como uma espécie de depósito, onde o sujeito coloca aspectos de sua realidade psíquica sobre ele,

evidencia-se o fato de que esta é uma relação narcisista, em que “o objeto não pode ser levado em consideração, ele é um mero suporte para que eu tenha o endereço para onde enviar minhas projeções e descartar” (CINTRA e FIGUEIREDO, 2004, p.115).

A imagem sempre interessou ao homem. Seja ela refletida no espelho, ou a imagem projetada na tela dos cinemas, onde quer que esteja, ela é traço constituinte de sujeito. O cinema possibilita através da fantasia, nos aproximar daquilo que nos torna um, a partir de um outro. Nas telas, observa-se a tendência em mostrar o animal longe de seu habitat natural, fazendo coisas que normalmente não faria e apresentando comportamento humano. Há uma dificuldade do homem em pensar o animal em sua forma natural, talvez por preferir que eles estejam enjaulados, domesticados e disponíveis para seu entretenimento. Um exemplo extremo de animais sendo assistidos, mas não olhados, são os filmes fetichistas, nos quais animais são esmagados por saltos agulha, fêmeas equinas penetradas por homens, ou mulheres incitando sexualmente o cão macho. Nestes casos, o animal encontra-se subjugado a uma cena fetichista como mero objeto de gozo.

É possível aproximar o olhar dirigido ao animal na cultura visual, ao olhar dirigido à mulher na sociedade. Assim como a mulher serve de matéria prima passiva, para ser admirada pelo olhar masculino, assim o é com o animal, quando submetido ao olhar dos seres humanos nos cinemas, em um zoológico ou na vitrine de uma loja de animais (MALAMUD *in* MACIEL, 2011).

Na cultura visual, há uma adaptação do animal para determinados públicos. A história pode sofrer edições e recortes a fim de reduzir o animal a uma mercadoria a ser consumida pela platéia, que afoita aguarda pelo próximo lançamento de filme, assim como aguarda por saborear um prato de carne em sua próxima refeição. Nesta configuração de relação objetal, observa-se o animal servindo de ponte para satisfação das pulsões.

Jeha *in* Maciel (2011), acredita que a relação do homem com o animal, só poderá se transformar em respeito, quando o homem se relacionar com o animal não mais no nível sujeito-objeto (eu-isso) e sim no nível sujeito com sujeito (eu-tu).

Atualmente, há uma tendência em usar animais como substitutivos aos relacionamentos humanos, potencializando o eu, que voltado para si mesmo e atento apenas às suas necessidades, não consegue desenvolver vínculos com seus pares (DELARISSA, 2003).

4.2.3 Condensação e Deslocamento

O animal ocupa distintos lugares, representa pessoas e nos associa a afetos outrora vivenciados. Marley representou para o casal Grogan, uma preparação para paternidade/maternidade. Foi através dele que o casal pode lidar com os imprevistos e as dificuldades que surgiram da relação com o “o pior cão do mundo”. Faz-se importante identificar a função de Marley para a família, e se em algumas situações o cachorro é tratado como objeto, fica evidente que em outras, ele ocupa o lugar de um filho para o casal, situação esta observada na cena em que a lixeira dos Grogan é filmada, e entre sacos de rações e caixas de carrinhos e banheiras de bebê, a configuração familiar torna-se clara.

Entre as motivações individuais bem como as motivações próprias para manter um animal de estimação na família, Bernard e Demaret *apud* DeLarissa (2003), citam o fato de o animal substituir uma criança em casais que não tenham nenhum filho, ou conferir ao animal de estimação o lugar permanente de criança mais nova da casa. Os mesmos autores contribuem ainda com a noção de que o animal favorece o contato social e a recreação (cena de John com Sebastian no parque), e que servem de objeto para satisfazer as necessidades de afeto, atenuando a solidão, oferecendo contato físico, atenção e sentimento de segurança (cena em que Jeny procura em Marley consolo, ao saber que sofreu um aborto).

Para pensarmos nos processos afetivos que ocorrem na relação homem e cão, faz-se necessário revisar a teoria da condensação e deslocamento presentes na obra “Interpretação dos Sonhos” (FREUD, 1900). Embora bastante trabalhados a partir da questão onírica, estes dois mecanismos estruturam o inconsciente e fazem parte do processo psíquico primário. Podem ser observados através de sonhos, lapsos e sintomas.

Por seu trabalho criativo, a condensação parece mais adequada do que outros mecanismos, para fazer emergir o desejo inconsciente, frustrando a censura, mesmo que, por outro lado, torne mais difícil a leitura narrativa manifesta no sonho (CHEMAMA, 1995, p.33).

Desta forma, se é a partir da condensação que o conteúdo inconsciente emerge, ao buscar um filhote de cachorro, por não sentir-se pronto para ser pai, John confirma a sua vontade de ter um filho, mesmo estando inseguro para isso. É através do cachorro, que o casal

pode experimentar-se na sua maternidade/paternidade, resolvendo assim algumas de suas fantasias em relação a tal questão.

São três as formas que operam a condensação:

“Primeiro, omitindo determinados elementos do conteúdo latente; segundo, permitindo que apenas um fragmento de alguns complexos do sonho latente, apareça no sonho manifesto; terceiro, combinado com vários elementos do conteúdo latente, que possuem algo em comum num único elemento do conteúdo manifesto.” (GARCIA-ROZA, 1985, p.67).

Se analisarmos esta última forma de manifestação para além dos sonhos, podemos perceber que o cachorro possui diversas características que podem ser associadas a um bebê, sendo a dependência e a necessidade de afeto, marcas constantes desta proximidade, que permitiram a John associar a vontade de ter um filho, ao fato de comprar um cachorro.

Sobre a forma amorosa com que a família lidava com Marley, é possível refletir sobre quais pessoas, afetos, experiências e sentimentos eram transferidos a ele, uma vez que o animal pode servir como um depositário de identificações, sendo por vezes uma defesa nos casos de fobia, quando ao deslocar a energia para um objeto fóbico, permite ao sujeito localizar, objetivar e circunscrever a sua angústia (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). Este é o caso da obra de Freud (1909) “O Pequeno Hans”, em que o cavalo, ora significava o pai ameaçador, ora a mãe grávida, sendo o animal objeto de inúmeras representações, conforme as angústias da criança.

O animal pode ser continente não somente de angústias, mas também de sentimentos como o amor. Ele pode ser substituto à ausência de afetuosidades, como no caso de alguém que se sente abandonado ou desamparado. Desta forma, a pessoa desloca para o animal uma proteção exacerbada, assim como um medo extremo da perda. Chemama (2002), ao definir o deslocamento, afirma que se trata de um desprendimento dos afetos da representação inconsciente, que irá se ligar a outra representação, que se vincula de forma associativa ou contingente com a representação anterior. Desta forma, a primeira representação, quando desinvestida, fica recalçada, e o objeto que recebeu o interesse psíquico é investido de forma desproporcional.

Há uma cena do filme, em que ao levar Marley para ser eutanasiado, a família que está em casa se prepara para lidar com o luto. Cada qual a sua maneira, o filho mais velho do

casal, assiste as gravações de família em que Marley aparece ao seu lado ainda bebê, desde muito cedo, inclusive partilhando as refeições com ele. Em outra cena do início do filme, o casal chega em casa com o bebê nos braços e apresenta ele a Marley com receio de que este possa machucar a pequena criança, preocupação esta, que também pode ser percebida em uma família que apresenta o bebê ao irmão mais velho.

Ao longo da história, a figura do animal vem servindo como um meio pelo qual o homem pode, através da representação, construir sua própria realidade psíquica. Eles se tornaram símbolos exteriores das projeções e desejos inconscientes do homem. Quando um animal é adorado, é possível compreender aspectos subjetivos do homem, mais do que a adoração do animal em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma época em que termos como “humanizado” refere-se não há uma habilidade inata dos seres humanos, mas sim a algo que precisa ser estabelecido por leis, para que o homem consiga incorporar em seus comportamentos diários. A humanidade, que pouco humanizada tem sido, precisa reeducar seus afetos a fim de que possa sentir e pensar os animais, no lugar de saber sobre eles.

Sentir o animal implica em tirar-lhes da condição de objeto. Derrida (2002) propõe trocar o termo “os animais” para “o animal” (no singular), para que possamos olhá-los de forma a considerar as suas necessidades e assim, atribuindo-lhes um lugar de sujeitos.

Enquanto neste lugar de objeto, o animal tem servido de descarga para as mais diversas pulsões. Envolvido por simbolismos desde as culturas totêmicas, seu lugar sempre esteve em um outro lugar, deslocado para onde o homem precisou que ele estivesse, ora alimento físico, ora alimento subjetivo.

Na contemporaneidade, algumas espécies animais se aproximaram de forma significativa dos ambientes familiares, podendo a isso ser atribuído o fato de que famílias, com número de membros cada vez mais reduzidos e relacionamentos interpessoais marcados pelo vazio, encontram no animal a possibilidade de descarga de emoções projetivas, que talvez não seriam tão bem aceitas por um outro ser humano.

Cabe ao estudo da psicologia, tudo aquilo que envolve o comportamento humano. Desta forma, faz-se necessário uma continuidade do estudo aprofundado das relações homem-

animal, a fim de que possamos com isso, reconhecer a animalidade do homem e contribuir de forma significativa para o amadurecimento desta relação.

6 REFERÊNCIAS

BERLATTO, Odir (Org.). **Manual para Elaboração e Normatização de Trabalhos Acadêmicos**. Caxias do Sul: FSG, 2012. Disponível em:

<http://www.fsg.br/public/files/graduacao/geral/manual_normas%20_academicas.pdf>.

Acesso em: 13 de mar. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____, Zygmunt. **A sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradutor: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Tradução do francês. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradutor: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. 7 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard; tradução: Francisco Settineri; Mario Fleig; revisão: Renato Deitos; Smirna Cavalheiro. **Dicionário de psicanálise**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Melanie Klein, estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.

DAYRELL, João Guilherme. **O animal como imagem especular: De Buck ao Rato Mickey**. Universidade Federal de Minas Gerais. Revista Virtual de Letras, v.04, n.01, 2012.

DELARISSA, Fernando Aparecido. **Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal**. Assis: UNESP, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia); Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução Fábio Sonda. São Paulo: UNESP, 2002.

FARACO, Ceres Berger. **Interação Humano-Cão: O social constituído pela relação interespécie**. Porto Alegre: PUC, 2008. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookan, 2004.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização (1929)**. Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os Sonhos (1900)**. Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. **Dois Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos) (1909)**. Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. **O Caso Schreber, Artigos sobre a Técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKS, Lucía Barbero. **Narcisismo e Vínculos**. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de Psicanálise/ Laplanche e Pontalis**; direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACIEL, Maria Esther. **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Maria Esther Maciel, organização. Florianópolis: UFSC, 2011.

MARLEY E EU. David Frankel. Gil Netter e Karen Rosenfelt. 20th Century Fox; Fox 2000 Pictures, 2008.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**; entrevistas por Jean-Pierre Lebrun; tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NASIO, Juan David; tradução: Vera Ribeiro. **Os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SANDLER, Joseph. *Projeção, identificação, identificação projetiva*. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. **Violência (Coleção Clínica psicanalítica/ Dirigida por Flávio Carvalho Ferraz)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/** Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. 3.ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. São Paulo: Lugano, 2004.

ZIMERMANN, David E. **Os quatro vínculos: Amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.